

AMORTE PELO AR

Uma nuvem branca rompeu a noite de quarta-feira na QNN 6 de Ceilândia. Em poucos segundos, a fumaça espalhou pânico entre os moradores do conjunto O, que sentiam nos olhos, na garganta e nos pulmões o efeito do veneno trazido pelo ar. O vazamento de gás começou na casa 18, onde o serralheiro Edivaldo Batista Pereira, 52 anos, mexia em

um cilindro de 50 kg utilizado para fins industriais. O rompimento da válvula de segurança provocou o vazamento. Apavorado, Edivaldo levou o botijão aberto para o meio da rua. Em seguida foi socorrer a mulher, Maria José, que agonizava dentro de casa. Ela morreu pouco depois de chegar ao Hospital Regional de Ceilândia. Durante a madrugada e todo o dia de

ontem, 158 pessoas foram atendidas com sintomas de intoxicação. Peritos do Instituto de Criminalística afirmam que os dois cilindros guardados por Edivaldo Pereira no quintal passaram pelo último teste de pressão há quase 20 anos. Especialistas acreditam que a substância gasosa contida nos botijões é cloro, mas há possibilidade de ser acetileno ou amônia.

Internado em estado grave no Hospital Regional da Asa Norte, Edivaldo era conhecido como o *faz-tudo* pela comunidade: executava trabalhos de marcenaria, serralheria e outros ofícios na casa dos vizinhos. Agora vai ficar conhecido como o responsável pelo pesadelo que contaminou o ar na QNN 6 de Ceilândia.

PÂNICO EM CEILÂNDIA

Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do *Correio*

O comerciante Raimundo Ferreira dos Santos, 53 anos, pensou que estava chovendo. Abriu a janela da sala, colocou a cara para fora e não respirou mais do que uma vez. Um cheiro forte de produto químico, semelhante a água sanitária, invadiu suas vias respiratórias. Assustado, fechou a janela, protegeu o rosto com uma toalha molhada e saiu de casa para ver o que estava acontecendo no conjunto O da QNN 6, em Ceilândia. Eram 22h30 de quarta-feira.

Em outra casa, o estudante Bruce Martins, 14 anos, entrou no quarto onde estavam reunidos a mãe, os dois irmãos e um dos três cachorros da casa. A família, moradora da casa 20, assistia à goleada da Seleção Brasileira de futebol.

O irmão mais velho, Érick Martins, 20 anos, irritou-se com Bruce. O adolescente trazia consigo Mailo, outro cachorro da casa. Mailo deveria ficar preso no portão da casa para evitar briga com o outro cachorro.

Erick tinha apenas começado a ralar com o mais novo quando percebeu que algo grave estava acontecendo. "Tem alguma coisa. Não estou conseguindo respirar. Gás, gás," sussurrava o pálido Bruce, apontando para a garganta.

Erick caminhou até a porta da sala e a abriu em seguida. "Na hora que abri a porta, vi aquele jato branco. Fechei a porta porque não estava conseguindo respirar", afirma. Érick soltou o terceiro cachorro que estava amarrado na sala e mandou todos se dirigirem para o quarto dos fundos.

Levaram o ventilador para o quarto e lá permaneceram todos por longos 20 minutos sem saber o que estava acontecendo ou que atitude tomar. "Pensei em correr até o orelhão, mas minha mãe não deixou", conta Cleiton Martins, o terceiro irmão. Bruce vomitava muito, aumentando o desespero da mulher que já havia perdido o marido, doente cardíaco, no dia 26 de dezembro.

CILINDRO VELHO

Antes de Raimundo colocar a cara para fora da janela e de Bruce entrar no quarto, os estudantes Wesley Mendes, 20 anos, e Gildene Sateles, 17 anos, conversavam na rua do conjunto O. Wesley ouviu, pouco antes das 22h30, um barulho semelhante a explosão no interior da casa 18.

Viu quando o sucateiro Edivaldo Batista Pereira, 52 anos,

saiu de casa para o meio da rua com um cilindro velho e enferrujado de um metro de altura e capacidade para armazenar até 50 kg de gás. Do cilindro, escapava um jato branco, uma nuvem de gás, fazendo o barulho que Raimundo confundiu com chuva. A direção do jato ficou voltada para a casa da frente de Edivaldo.

Edivaldo ainda teve tempo de virar o jato para a direção da rua, antes de entrar na casa para socorrer a mulher Maria José Pereira, de 49 anos. Maria saiu de casa, apoiada por Edivaldo, mas assim que chegou na rua desmaiou. Morreria mais tarde no Hospital Regional de Ceilândia (HRC).

"Vou morrer, vou morrer", gritava Maria José ao sair de casa. O filho do casal, Ronaldo de Castro Pereira, 20 anos, conhecido na rua como *Roni*, saiu de casa correndo, vestido apenas de cuecas.

CAOS

No início da madrugada de quinta-feira, dia 13 de janeiro, os carros foram proibidos de circular pela QNN 6. A Defesa Civil, o Corpo de Bombeiros, a Polícia Civil e a Polícia Militar interditaram o conjunto O. Inúmeras ambulâncias partiam com pacientes e regressavam sem eles para uma nova viagem a três hospitais públicos: os regionais de Taguatinga, Ceilândia e Asa Norte.

As informações eram descontraídas. Falava-se em 20, 60, mais de cem pessoas internadas com problemas de respiração. Especulou-se que o gás poderia ser acetileno, amônia ou cloro. Ninguém tinha certeza.

Moradores de oito casas vizinhas ao acidente não puderam dormir em suas residências. Alguns estavam de bermuda, outros de pijama, e aguardavam a liberação de suas casas. Curiosos andavam de um lado para o outro.

Em meio à confusão, os inevitáveis desencontros entre familiares causavam grande preocupação. "Meus irmãos e minha mãe foram levados para hospitais. Só eu fiquei", dizia Érick, preocupado com o irmão Bruce.

Alguém passa e diz que já são três o número de pessoas mortas, entre eles um menino. Érick se desespera com a possibilidade de se tratar de seu irmão. Amarrado a um poste, o cão Mailo passa mal. Vomita e vomita. Foi ele quem recebeu a maior quantidade do misterioso gás na casa 20, vizinha da casa 18, onde começou a tragédia da QNN 6 na noite de quarta-feira.

Edson Gês



SUFOCO

Bombeiros recolhem dois cilindros de gás que estavam guardados no terraço da casa de Edivaldo Batista Pereira, na Ceilândia. Vazamento aconteceu por volta das 22h30 de quarta-feira e intoxicou dezenas de vizinhos no conjunto O da QNN 6

INTOXICAÇÃO

Ainda não se sabe qual o gás que matou Maria José Pereira e intoxicou 129 pessoas. A autópsia aponta morte por edema pulmonar agudo e a intoxicação provavelmente por gás cloro.

Especialistas também apontam os seguintes gases como suspeitos, eles causam asfixia e queimaduras na pele e olhos:

Aproximadamente 1,60m de altura		CLORO Gás verde amarelado. Cheiro de água sanitária. Causa parada respiratória. Usado em limpeza de água
		AMÔNIA Gás incolor. Cheiro semelhante a urina. Causa parada respiratória. Usada na fabricação de produtos químicos
		ACETILENO Gás incolor. Cheiro de alho ou algo podre. Paralisia no sistema nervoso central e medular. Usado em equipamentos de solda

ÁREA ATINGIDA



A quadra **QNN 06**, no bairro da Guarirôba, em Ceilândia, tem 16 conjuntos residenciais e dois comerciais. Na área, é grande o número de oficinas mecânicas (fundo de quintal)

Editoria de Arte/Beto Figueira

"JOGUEI ÁGUA NA CARA"

Deitado em um leito do Hospital Regional de Ceilândia, vestido apenas com uma bermuda rosa, Edivaldo Batista Pereira, 52 anos, pedia mais oxigênio ao enfermeiro na madrugada de ontem. "Antes de conversar, eu quero saber se já parou de morrer gente lá na rua", perguntava o sucateiro, ainda sem saber que a única vítima fatal até o momento era sua mulher.

Conversando pausadamente, Edivaldo informou que conseguiu os dois cilindros de gás em uma oficina de lanternagem, na QNN 22, próximo de uma escola. "Eu junto ferro para vender. Passei em frente a uma oficina, há noventa dias, e me ofereceram as garrafas. Um vizinho da oficina me emprestou a carroça e eu levei para casa", diz.

O sucateiro disse ainda que ia colocar os cilindros em um carrinho para entregá-las a alguém. Na 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Sul), o filho de Edivaldo, Ronaldo de Castro Pereira, 20 anos, prestou depoimento dizendo que o pai tirou a válvula do cilindro para vendê-lo e não sabia o que tinha em seu interior. Edivaldo foi apenas uma das

pessoas internadas no HRC, na madrugada de quinta-feira. O hospital estava completamente tomado por vítimas de intoxicação, que faziam filas nos corredores para se consultarem. Anastácio Tomás, 30 anos, e a irmã Rosilene Tomás, 22 anos, respiravam com a ajuda de aparelhos.

Assim como o militar Adriano Ricardo Ferreira, 23 anos, eles sentiram um cheiro de água sanitária muito forte e depois tiveram muitas dificuldades para respirar. Todos apresentaram tontura, pernas bambas e suaram muito. "Joguei muita água na cara", disse Anastácio, que ainda ajudava a irmã Rosilene.

Muitas pessoas tomaram leite para amenizar a intoxicação. Espantada com a quantidade de pessoas intoxicadas, a estudante de biologia Tatiane Silva, 20 anos, que tinha ido ao HRC por causa da avó que passava mal, resolveu ajudar no atendimento.

"Também sou auxiliar de enfermagem. Vim para cá por causa da minha avó, mas vi esse monte de gente intoxicada e resolvi ajudar", contou a estudante.

■ Quem era Maria José e quem é Edivaldo, os donos da casa de onde vazou o gás — Página 2

■ O relato de algumas das 158 vítimas que foram hospitalizadas — Página 3

■ A história dos dois cilindros que passaram de mão em mão até o acidente — Página 4